

Guardo com este escrito de Flávio Ferraz uma familiaridade de várias "entradas".

Tomei contato com ele, pela primeira vez, há pouco mais de um ano, quando então li uma centena de páginas onde se expunha, ainda incompleto, um projeto de Dissertação de Mestrado. Impressionou-me, de imediato, a fluência das idéias, a facilidade de organizá-las e a compreensibilidade do texto. Além disso, é claro, seu conteúdo.

Naquele momento, havia acabado de acontecer a morte de um psicanalista querido e famoso, Dr. Bernardo Blay, assassinado por uma paciente. Atônitos estávamos e muitas "teorias" sobre o campo analítico brotavam nos círculos informais, como tentativas fragmentárias de atribuir sentidos ao que se movia nessa relação de particular intimidade: a violência do gesto, o segredo confessional, as exigências da teoria e da técnica, a inexplicável dança dos afetos, as fronteiras da ética.

É óbvio que me vi tentada a propor a Flávio (e o fiz) que incluisse algumas palavras relativas a essa situação concreta. Elos visíveis existiam entre o tema proposto por ele e o fato. Mas, com a firmeza dos determinados, gentilmente, agradeceu a colaboração da leitura atenta e... descartou minha sugestão.

Por que me refiro a estas lembranças?

Porque se prestam a dizer da relação de autoria que este jovem psicanalista tem com seu texto.

E, de fato, descartar a tentativa de atender a apelos que portam a imediatez do atual, travestido de ocasião exemplar, em nada retira a atualidade efetiva deste trabalho. Pude compreender isto, meses mais tarde, quando de uma segunda leitura, agora já nas suas formas finais de apresentação.

No livro, como o leitor apreciará, Flávio Ferraz atravessa cuidadosamente as produções freudianas, destacando aquelas que, auto-nomeadas ou não, permitem entender como a psicanálise contribui para o campo da Ética; ou melhor, que conceitos psicanalíticos estão a compor o sujeito psíquico da consciência moral.

Freud e o campo da ética

Resenha de Flávio Carvalho Ferraz, A Eternidade da Maçã, São Paulo, Escuta, 1994, 141 p.

Uma aproximação especial à ética, sem necessariamente fazer filosofia.

E este é um aspecto interessante a comentar. Termo particularmente afeito ao saber filosófico, como poderia um psicanalista abordá-lo, do interior da psicanálise, sem aparentar, como é muito frequente em situações do gênero, erudição filosófica? Pois bem, isto é possível e Flávio o comprova. Com suficiência, circunstancia como vai operar os conceitos de Ética, Moral e Consciência Moral, sem a pretensão de esgotá-los em seu âmbito de origem e, tributos feitos, pesquisa em Freud a constituição da consciência moral.

Aliás, esta é outra qualidade do livro: tratar de um assunto, tal como se pode reconstituí-lo na obra de Freud, e fazê-lo com fidelidade. Coisa rara em nossas produções, hoje. E é assim que, com suas palavras, vemos desenhar-se, à nossa frente, uma tessitura conceitual, que nos permite acompanhar histórica e teoricamente a construção do tema, denunciando a multiplicidade de relações, nem sempre identificáveis, que mantêm com outros.

Que não espere o leitor, no entanto, um traçado previsível. Se, de forma intuitiva e imediata, equacionamos Superego e Consciência Moral, não é esta a articulação dada, de pronto, por Flávio.

Em capítulos introdutórios, trata da questão da Moral em outros discursos que não o da psicanálise: na filosofia, na psicologia cognitivista e na psiquiatria. Uma visita rápida e uma apreensão concisa em terrenos que guardam, com nossa região do conhecimento, uma vizinhança necessária.

Em seguida, na extensão maior do texto, trata de termos como: renúncia e culpabilidade, fantasia e norma, histeria, segunda tópica, superego e psicopatologia, civilização e estudos sobre o caráter.

Finaliza com o que chama de "desenvolvimento das idéias de Freud", comentando alguns aspectos atinentes ao assunto em Abraham, Melanie Klein e Winnicott.

Se esta visão panorâmica do conteúdo do livro serve como guia em direção aos horizontes do autor, não revela, ainda, o que considero uma de suas contribuições mais interessantes: a de plasmar a ética da psicanálise na compreensão das relações entre fantasia e norma na histeria. Destacando os diferentes empregos e circunstanciamentos do termo fantasia no texto freudiano, Flávio aponta para o que há de comum entre eles: a idéia de que fantasiar está sempre muito próximo de criar e, como nos sonhos, de buscar realização de desejos; ainda que, à moda dos sintomas, esteja todo este processo sujeitado a mecanismos de alteração, exigências de percurso colocadas aos desejos primitivos pela censura, pelo recalque e pela repressão.

Assim...

"Acontece que a fantasia reprimida torna-se, via de regra, patogênica, acabando por emergir de alguma forma como sintoma, como nos ensina Freud.

"Embora esse fenômeno possa se aplicar a uma diversidade de estados patológicos distintos, a histeria se configurou como o caso no qual ele é verificado, digamos, de forma clássica, quando as fantasias sexuais análogas às do perverso costumam se constituir como a própria fonte da qual se origina o conflito neurótico. O sintoma histérico seria, então, um meio pelo qual as fantasias inconscientes, de caráter sexual e perverso, seriam atuadas. (...) Aquilo que o perverso atua ou pensa conscientemente é o mesmo

que o neurótico transforma em sintoma." (pp. 48/49)

Mais adiante:

"Se este procedimento não significasse fazer uma conexão linear entre fantasia e sintoma, poderíamos tomar esta idéia de Freud como uma conclusão mais ou menos assim: 'certas fantasias sexuais, em certos indivíduos, conduzem ou à perversão ou à neurose; e esta escolha depende, em última instância, de seus padrões morais.'" (pp.51)

Sem deixar de lado que "há algo inerente à própria pulsão que a impede de ser plenamente satisfeita", a civilização é colocada como co-agente impeditivo de que a liberdade e a felicidade se promovam até o fim.

Por esse veio, Flávio introduz a discussão da norma e, mais que isto, a da atitude da moral cultural diante da transgressão (um dos caminhos possíveis ao curso da pulsão). Para tanto, resgata em Freud os mais inflamados discursos contra a moralização, sobretudo por parte dos psicanalistas. Resgata, também, o que de teoria sustenta esta postura. Chega, por fim, a situar, tomando de empréstimo uma expressão de Jurandir Freire, a "ética da tolerância" como a direção de uma ética da psicanálise.

Sem pretensões, este é um livro que muito provavelmente contribua para psicólogos e psicanalistas em formação, bem como para profissionais interessados em remontar as balizas de muitas de suas "intuições" na constituição de uma ética do trabalho cotidiano.

Se Flávio se exime de fazer "recomendações práticas", não deve ser por outro motivo, senão o de acreditar na importância do estudo assim sério e cuidadoso da psicanálise, no sentido de mapear os traços originários do pensamento que instrumenta nossa escuta, que organiza as palavras com que ouvimos nossos clientes.

Marlene Guirado é psicóloga, psicanalista, docente do Instituto de Psicologia da USP.